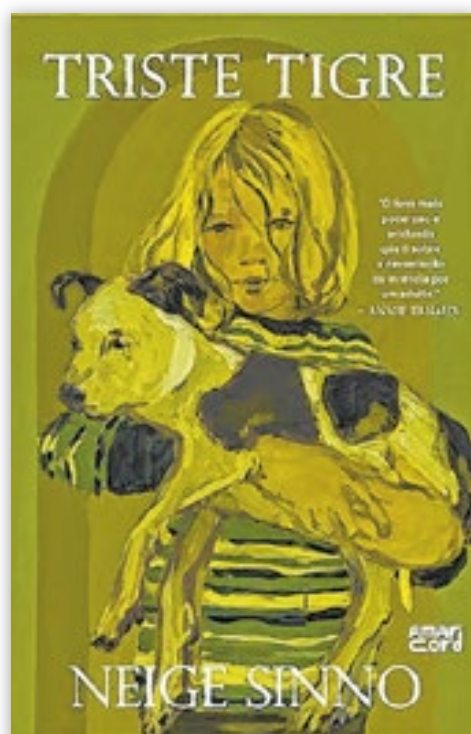


Algumas das melhores leituras do ano



Uma seleção de livros resenhados ao longo de 2025 no #CM2



OLGA DE MELLO

Especial para o Correio da Manhã

Este ano, como muita gente, deixei de ler, ver, ouvir, descobrir muita coisa. A indústria cultural entope o público com tantos produtos novos que não há como viver e ler tudo o que aparece. É assim que justifico esta lista pessoal, parcial e, provavelmente, falha, por não contemplar muito do que se falou por aí. Ficaram de fora títulos muito comentados, que aguardam o momento certo para a leitura, ao longo dos próximos meses. Eis, então, alguns livros que me encantaram em 2025.

Em “Sinais de nós” (Relicário, R\$ R\$ 59,90), a chilena Lina Meruane recorda sua infância no Chile sob Pinochet, quando seus colegas do colégio particular britânico para crianças de classe média alta abandonam os estudos – por falta de recursos para pagar a escola ou problemas políticos das famílias. A violência “sem nos tocar, sem ferir os nossos” atinge até quem não se considera conivente com a ditadura, que afasta de seu território também os que nada fazem para combater o regime.

Um dos mais impressionantes relatos sobre o incesto e a violência sexual contra crianças, “Triste Tigre” (Amarcord/Record, R\$ 69,90), da francesa Neige Sinno, apresenta o estupro de vulnerável na literatura e trata do trauma da autora, violentada pelo padrasto da infância até a adolescência. Aos 19 anos, depois de denunciar o agressor, processado e preso, ela entendeu que certos crimes recaem sobre as vítimas. Poucos vizinhos continuaram se dirigindo à família.

Finalista do prêmio Jabuti deste ano, Jefferson Tenório volta a abordar o racismo brasileiro em “De onde eles vêm” (Companhia das Letras, R\$ 67,90), romance que

acompanha a trajetória ficcional de um dos primeiros

costistas em universidade pública brasileira. Joaquim precisa enfrentar toda sorte de dificuldades financeiras e sociais para não desistir da graduação no curso de Letras e superar as críticas silenciosas de professores e colegas quanto à inadequação das políticas que tentam amenizar as desigualdades sociais.

“Diários de Gaza – A memória é uma casa indestrutível” (Tabla, R\$ 64,90) reúne textos escritos nos três primeiros meses de ataques a Gaza, dois anos atrás. Médicos, escritores, jornalistas, cineastas, professores, estudantes, artistas relatam suas próprias experiências ou de outros que veem famílias dizimadas no cerco a uma população lentamente exterminada pelo Estado de Israel, sem apontar os culpados pela barbárie. Sobreviver em meio ao caos é o único objetivo dos que se apoiam nos escombros de uma cidade, enquanto enterram seus mortos.

“Ser sustentável” (Pirilampo, R\$ 40), traz as contundentes crônicas da jornalista Amelia Gonzalez, publicadas em colunas no portal G1 e em seu blog, que emprestou o título para o livro. Entrevistas notáveis com o pensador Noam Chomsky e a ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Brundtland, criadora da expressão “desenvolvimento sustentável”, também estão entre os deliciosos textos de Amelia, que apresenta as questões ambientais de forma muito pessoal, como se conversasse com o leitor, enquanto adverte para a crise que demoramos tanto para reconhecer e enfrentar.

“Kintsugi” (Rocco, R\$ 59,90), da chilena María José Navia, conta a trajetória de uma família fragmentada, simbolizada pelo título da prática japonesa de restaurar peças de cerâmica ou porcelana usando laca e pó de ouro, prata ou platina, evidenciando as rachaduras, que se tornam novos componentes da história do objeto. Os diversos protagonistas revelam, cada qual em um capítulo, os traumas que estruturam uma família despedaçada ao longo de décadas, sem oferecer explicações claras para os motivos de tantas separações sequenciais. O recorte doloroso da silenciosa e reflexiva era da comunicação imediata traz reflexão para o momento em que o cotidiano se sustenta em pequenos acasos efêmeros.

Um surto de violência em uma pequena

